

MULHERES COMO NÓS? DA VISIBILIDADE AO MITO – ESTRATÉGIAS EFICAZES

WOMEN LIKE US? FROM VISIBILITY TO MYTH – EFFECTIVE STRATEGIES

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p47-51

Resumo

De tempos a tempos houve mulheres notáveis que, com maior ou menor grau de intencionalidade, quiseram trazer ao nosso conhecimento vidas de outras, que as haviam antecedido, não menos excepcionais. O que terá levado a que esse repetido fenómeno não tenha sido episódico? Identificar quem foram algumas dessas figuras femininas, trazendo à luz os feitos de que haviam sido protagonistas, capazes de as tornarem, também em Portugal, senão ícones, mulheres de referência, eis alguns dos aspectos mais em foco na análise proposta. Estratégias eficazes de visibilidade. A que título (s)? Empoderando as feministas dotando-as com conhecimento histórico em torno de pares como as históricas sufragistas francesas, Marie Desraismes, Flora Tristan, Olympe de Gouges ou Eugénie Niboyet e Jeanne Deroin.

Palavras-chave: Género. Sufragistas francesas. Adelaide Cabete. Marie Deraismes. Feminismos. Empoderamento.

Abstract

From time to time remarkable women have appeared who, with greater or lesser intentionality, sought to bring to our attention the lives of other women who had preceded them and were no less remarkable. What can have led to this recurring phenomenon not being episodic? Identifying some of these female figures, shedding light on the activities in which they played a leading role, capable of making them, in Portugal too, if not icons, then outstanding women – these are some of the elements most closely studied in this proposed analysis. Effective strategies of visibility capable of empowering feminists by acquainting them with historical french suffragists such as Marie Deraismes, Flora Tristan, Olympe de Gouges or Eugénie Niboyet and Jeanne Deroin.

Keywords: Gender. French suffragists. Adelaide Cabete. Marie Deraismes. Feminisms. Empowerment.

Isabel Lousada

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais CIC.NOVA – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA.FCSH/UNL) - Portugal.

E-mail: iclousada@gmail.com

“Let us now create «versatile» students: students capable of making future turns; capable of moving freely in all directions; capable of «rooting» and «shifting» in both political and academic spheres.” (PRYSE, 2000)

Na tentativa de preservar o legado histórico e cultural relativo à afirmação do exercício de cidadania pelas mulheres em Portugal, seleccionámos um conjunto de artigos de carácter biográfico, assinados pela médica feminista e sufragista Adelaide Cabete (1867-1935), capazes de *per se* revelarem a expressão do movimento internacional que os enforma.

Por ter sido de algum modo recorrente as mulheres escritoras retomarem factos e figuras femininas que as haviam antecedido, procuramos indagar quais foram então as mulheres biografadas? Identificá-las pode trazer luz na procura de entendimento das suas posições, tantas vezes menos óbvias, face quer aos documentos que se perdem, quer aos espólios por localizar, constituindo mais uma ferramenta ao serviço da investigação aplicada aos Estudos de Género. Circunscrevendo-nos à viragem do século XIX para o século XX olhando para algumas das mulheres mais emblemáticas refiram-se, por exemplo, as republicanas como Adelaide Cabete, preocupada, enquanto líder, em promover e motivar mulheres mais jovens, dirigindo o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), e Elina Guimarães (1904-1991). Elina recorda ter sido a presidente a “descobri-la” pela leitura de um artigo de jornal, de cariz associativo e académico; nesta altura, diz-nos Elina Guimarães, era ela ainda, uma quartanista de Direito, e o texto que a fizera destacar-se, tinha sido um artigo em que se revoltara e se debatera contra as afirmações que o escritor (já célebre anti-feminista convicto) Júlio Dantas (1876-1962) havia feito acerca das mulheres. Não deixa de ser relevante este aspecto, desde logo por duas ordens de ideias: primeiro, porque é num periódico que ele é feito, e em segundo lugar, por se reportar a um elogio face a uma forma de escrita e de comunicação que a própria presidente do Conselho admirava. E é assim que, de facto, começa uma contratação, digamos, um recrutamento bastante fecundo com a jovem e futura advogada, Elina Guimarães que, e a partir de então por toda a vida se manterá ligada ao CNMP até à sua extinção, em 1945, em pleno Estado Novo.

Voltando à questão central deste trabalho, vemos que há, naturalmente, alguns meios privilegiadíssimos, onde se fixam trajectórias de mulheres de relevo (e mais do que elas, as ideias que projectam) permitindo, ainda hoje, recuperá-las, referimo-nos à imprensa escrita. Crucial movimento de resgate! E é precisamente perscrutando a imprensa que o conseguimos efectuar. Não diria que seria impossível fazê-lo de outro modo, mas as publicações editadas com regularidade pelas organizações em que militavam as mulheres mais empenhadas (a este título refira-se muito em particular, a *Alma Feminina*, órgão

do CNMP) são objectos de estudo imprescindíveis. É ao longo das suas edições que vamos encontrar algumas figuras notáveis de mulheres que se destacam no meio de uma massa gigantesca de tantas outras, anónimas, cujas existências se perdem no tempo.¹

Adelaide Cabete reproduz uma série de mini biografias capazes de convocarem a massa crítica coeva para assuntos relegados para as margens. Trata-se de uma eficiente manobra para trazer à ribalta, à luz, os aspectos ligados ao feminismo e à participação cívica de que o sufrágio é estandarte.

Ora, visto o caso das figuras históricas nacionais, não deixa de ser curioso que, já mais avançada no tempo, e afastada da metrópole, Adelaide Cabete nos apresente um grupo de outras mulheres, e poderia salientar aqui o caso de Olympe de Gouges (1748-1793), como ela própria o faz, ou outras, como Louise Michel (1830-1905), que escolhe para nome simbólico. E a este respeito é importante notar tratar-se de uma outra área de intervenção em que podemos ver uma relação de causalidade, entre a escolha de um nome simbólico, como o de um pseudónimo, usado como uma estratégia, uma estratégia de dissimulação, de eventual protecção face à identidade, permitindo outro arrojado nas posições assumidas e/ou proclamadas. Sabendo ser Louise Michel (A “Virgem Vermelha”) o nome maçónico escolhido pela presidente do CNMP, poderemos atribuir-lhe um significado, ou seja, a procura de identificação com uma mulher cuja tenacidade, persistência e combatividade era assinalável, desejando ver espelhada na sua trajectória de vida a verticalidade e o espírito revolucionário daquela que escolhe como modelo.

Cabete chama à colação as grandes heroínas de outrora procurando contrariar o apagamento do universo feminino na imprensa escrita; ao fazê-lo, em nosso entender, espelhava a consciência do postulado por Alexis de Tocqueville dando conta do “divórcio irreversível entre crítica e opinião que nessa altura [1835] já se começava a fazer sentir. Mais recentemente, esta perspectiva crítica viria a tomar contornos de uma muito maior radicalização, por exemplo, quando Pierre Bourdieu assumiu como uma certa provocação a ideia de que a opinião pública não existe mais. Para nos situarmos no cerne desta deriva crítica, uma explicação simples mas extremamente certa leva-nos a reflectir sobre uma imagem de cidadania diminuída, resultante de uma transfiguração essencial: o indivíduo produtor de opinião pública que se viu reduzido, nas presentes condições sociais e comunicacionais à condição de mero consumidor de mensagens mediáticas.” (ESTEVEES, 2005: 15)

¹ Muito embora, e sobretudo, visando assinalar a passagem do centenário da República em Portugal tenha sido visível um esforço no sentido de dar novo alento aos estudos focados nas figuras femininas proeminentes coevas mas, ainda assim, essas mulheres são muitas vezes as que surgiam amiúde referidas nos periódicos.

É neste prisma identificado o propósito na publicação dos textos editados que suscitaram a nossa atenção. A seguinte tabela situa os textos de Adelaide:

1 – Textos de Adelaide Cabete na imprensa periódica coeva

Autor	Artigo	Periódico	Data
Adelaide Cabete	As pioneiras do feminismo francês. EugénieNiboyet	<i>O Globo</i>	25 de Maio, 1930
	As pioneiras do feminismo. II. JeanneDeroin	<i>O Globo</i>	1 de Junho, 1930
	As pioneiras do feminismo. III. Madame de Girardin	<i>O Globo</i>	6 de Julho, 1930
	As pioneiras do feminismo IV	<i>O Globo</i>	20 de Julho, 1930
	As pioneiras do feminismo francês. I. EugénieNiboyet	<i>O Protesto</i>	7 de Dezembro, 1930
	As pioneiras do feminismo francês II. JeanneDeroin	<i>O Protesto</i>	14 de Dezembro, 1930
	As pioneiras do feminismo francês III. Madame de Girardin	<i>O Protesto</i>	21 de Dezembro, 1930
	As pioneiras do feminismo francês IV. Flora Tristan	<i>O Protesto</i>	28 de Dezembro, 1930
	As pioneiras do sufrágismo francês. V. Daniel Stern	<i>O Protesto</i>	4 de Janeiro, 1931
	As pioneiras do sufrágismo francês VI. Juliette Lamber	<i>O Protesto</i>	18 de Janeiro, 1931
	As pioneiras do sufrágismo francês VII Jenny d’Héricourt	<i>O Protesto</i>	25 de Janeiro, 1931
	As pioneiras do sufrágismo francês VIII Marie Deraisme	<i>O Protesto</i>	19 de Abril, 1931

Desde o primeiro momento justifica a colaboração encetada nos seguintes termos:

Nesta conformidade parece-nos que devemos destacar no primeiro plano EugénieNiboyet. Se antes dela algumas mulheres se salientaram como Olympe de Gouges, célebre pela sua “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã” dedicada a Maria Antonieta, em 1791. Madame Roland, a encantadora revolucionária e Théroine de Mericourt e outras que se celebrizavam na Grande Revolução de 89, foram manifestações isoladas de carácter revolucionário em auxílio dos maridos, pais e irmãos, na ideia comum da liberdade. Foram manifestações que pouco benefício trouxeram à causa feminista. (CABETE, “As pioneiras do feminismo francês – EugénieNiboyet”, 1930)

E é exactamente nesta dimensão crítica que a autora se coloca. Os casos que pretende distinguir são de outra envergadura, têm outra amplitude. Extravassam o individual para se situarem na esfera de movimentos sociais. Resulta clara a apropriação de determinadas figuras de modo a capturar a atenção do público leitor. Lembrando mulheres cujo pioneirismo no feminismo francês, nas épocas em que viveram, tinham sido também assinaláveis,

embora porventura, menos conhecidas do grande público: EugénieNiboyet (1796-1883), Flora Tristan (1803-1844), JeanneDeroin (1805-1894) e Madame Girardin (1804-1855). Quem eram e o que terá determinado serem eleitas para figurar no rol publicado em *O Globo* em Dezembro de 1930 e logo em seguida no início de 1931 nas páginas de *O Protesto*?

O que tinham em comum? Educadoras ostentando perfis idóneos. Pugnando pela educação. Pela educação das mulheres. Algumas haviam usado pseudónimos, umas tinham sido casadas, outras não. Umas usavam os apelidos de solteira, ao contrário de outras, cujos parceiros incentivavam a lutar. Afinal, o denominador comum a unilas encontrava-se noutra esfera. As suas áreas de actuação derivavam do pontual e individual para o sistemático e de grupo, pois qualquer delas vivera em prol de uma causa. Viveram as suas vidas elegendo o trabalho como modo de intervenção, da escrita, e do periodismo fizeram o seu campo de batalha. E é assim que encontramos descrita a polémica de George Sand afastando-se de EugénieNiboyet e das suas pares na *VoixdesFemmes*. A intrépida JeanneDeroin que, combativa, não desiste e funda *La Politique desFemmes*. Acusada de pertencer a grupos secretos, presa, vilipendiada, “Foi caluniada como acontece a quasi todas as pioneiras dos novos ideais”. São páginas em que muito se aprende do modo como os conceitos e movimentos internacionais se norteavam. O “Saint-Simonismo”, as “Icarienennes”, as “Vesuvianas”, muito a saber acerca dos fundamentos para os feminismos de outrora. A pena da jornalista Flora Tristan na defesa das classes operárias, clamando pela instrução feminina e criticando a futilidade no modo como as classes mais abastadas encaravam as matérias de educação para as mulheres. Direitos e deveres vistos segundo uma óptica desigual, não servem a sociedade.

É em pleno Estado Novo que estas biografias são criteriosamente elaboradas pela presidente do CNMP, à época residente em Angola, fruto de “exílio forçado”, como o exímio jornalista e dirigente de *O Globo*, Pinto Martin (1887-1970) tão bem nota. As circunstâncias que rodeiam esta edição assumem particular relevância, na medida em que, continuava inflamado o debate acerca da atribuição de voto às mulheres, após o voto simbólico e único, em 1911 para a Assembleia Constituinte, da médica Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911), que viúva e mãe invoca a sua qualidade de chefe de família, para poder exercer o seu direito. Em 1913, a lei eleitoral é mudada. Ao contrário do que se poderia esperar a lei refere explicitamente que passam apenas a votar homens. Ora, somente em 1933, a Constituição reconhecerá a igualdade dos cidadãos perante a lei, e ainda assim “salvas quanto à mulher, as diferenças resultantes da sua natureza e do bem da família” (Art. 5.º)

Resulta clara a intencionalidade de Adelaide Cabete. Evocar a luta destas pioneiras é um manifesto esforço para capturar atenção e conquistar visibilidade às causas (sufragistas) e feministas, procurando ampliar a

margem de apoio por entre os leitores para o movimento mais vasto na defesa do sufrágio feminino:

É sempre justo recordarmos as precursoras de todos os movimentos que empolgaram a humanidade e tanto mais justo ainda, se essas precursoras sofreram os embates das correntes contrárias, tão desproporcionais, em número, que só uma força hercúlea, dimanada da sua fé de mulheres conscientes, pode trazer até nós a sua coragem e os seus sofrimentos.

Está neste caso o feminismo que, como movimento de emancipação social, maiores adversárias tem tido. Por isso mesmo, quanto à França, é de justiça que as mulheres francesas estejam celebrando as primeiras pioneiras que tiveram a heroicidade, assim se pode chamar, de vir para público a reclamar os seus direitos de igualdade civil e política. (CABETE, “As pioneiras do feminismo francês – EugénieNiboyet”, 1930)

O Globo compreendeu esta homenagem, deixando bem explícito em nota de redacção:

N. da R. – Honra-se “O Globo” com a colaboração da “infatigável propagandista da emancipação da mulher, Sr.^a Dr.^a Adelaide Cabete. Longe das obras feministas que criou e animou, durante largos anos, não esmoreceu no seu apostolado essa mulher de ciência que agasalha, generosa, todos os ideais humanitários e que estuda, atenta, todos os problemas sociais. (CABETE, “As pioneiras do feminismo francês – EugénieNiboyet”, 1930)

Fruto da sua vastíssima cultura, Cabete suscita ampla discussão ao editar as sucintas biografias a que nos reportamos, três anos antes do voto, ainda que restrito, ser permitido às mulheres. Por fim, notamos a nota contundente aplicada ao caso português. Tal como George Sand, e outras escritoras haviam feito retroceder o movimento sufragista, deitando a perder os esforços de Niboyet, em França, assim também acontecia entre nós:

Vejam-se as respostas que algumas escritoras profissionais deram ao inquérito feminista, organizado pelo Diário de Lisboa. Exceptuando a Dr.^a Tereza Leitão de Barros, D. Anna de Castro Osório e D. Emília de Sousa Costa, que se apresentaram rasgadamente feministas, das restantes, a mão de algumas até parecia que lhes tremia de repugnância ao escreverem a palavra Feminismo. Isto mesmo se passava em França, há 100 anos. (CABETE, “As pioneiras do feminismo francês – EugénieNiboyet”, 1930).

Em nosso entender, do mesmo modo como no dealbar da 1.^a República, em Portugal, nos jornais de tendência republicana surgem inúmeros perfis de mulheres

portuguesas que se tinham vindo a afirmar nas mais diversas áreas do saber, também agora [1930] aqueles que se opunham ao regime totalitarista, apoiavam escritos desta natureza, vendo espelhado nessas pioneiras o respeito pela igualdade dos sexos por que pugnavam.

Ao passo que em anteriores colaborações encontramos a activista envolvida em campanhas contra o alcoolismo, o pauperismo, matérias para as quais a sua habilitação em medicina a fazia notar, desta feita a sua actuação é essencialmente política. Chega a afirmar, em 1933: “O meu voto foi, pois, somente uma nova afirmação dos princípios feministas, que há dezenas de anos ando apregoando”.

Hoje, como ontem, faz sentido a mobilização, tendente a dar ampla notícia das conquistas feministas de modo a que haja uma expectativa de vitória ancorada num passado de luta alicerçado em movimentos sociais. Com muita oportunidade o CIMJ, Centro de Investigação Media e Jornalismo, pretende objectivar dados mais recentes, dando conta da disparidade e invisibilidade das deputadas parlamentares, do mesmo modo que internacionalmente, o EIGE, Instituto Europeu para a Igualdade de Género, ao promover o concurso “Women Inspiring Europe” confessa pretender dar visibilidade e prestar homenagem a algumas das mulheres europeias mais destacadas, trazendo luz às suas conquistas e histórias de sucesso. Assim também nós procurámos animar o debate olhando o presente, não descurando o passado, convictas de que, por mais que se lembrem mulheres de causas, nunca será demais fazê-lo, correspondendo a uma estratégia de visibilidade capaz de promover e empoderar a humanidade no justo sentido do devir. Como a seguinte afirmação deixa saber:

As mulheres já se cansaram de ouvir (e de dizerem) que são discriminadas, donde umas desgraçadas. Vamos percebendo, cada vez em maior número, que o estatuto de vítima e de queixosa não nos é benéfico porque nos enfraquece e porque não nos permite desafiar, em plena igualdade, aqueles e aquelas que insistem que o poder é, por natureza, masculino. Já nos apercebemos que reconhecer as nossas imensas forças, capacidades, tenacidades, responsabilidades, é muito mais produtivo do que o discurso das limitações. (VICENTE, 2002)

Referências

CABETE, Adelaide. (1930). “As pioneiras do feminismo francês. EugénieNiboyet”. *O Globo*, p. 2, 25 mai.

CABETE, Adelaide. (1930). “As pioneiras do feminismo. II. JeanneDeroin”. *O Globo*, p. 2, 1 jun.

- CABETE, Adelaide. (1930). “As pioneiras do feminismo. III. Madame de Girardin”. *O Globo*, p. 2, 6 jul.
- CABETE, Adelaide. (1930). “As pioneiras do feminismo IV.” *O Globo*, p. 7, 20 jul.
- CABETE, Adelaide. (1930). “As pioneiras do feminismo francês. I. Eugénie Niboyet”. *O Protesto*, 7 dez.
- CABETE, Adelaide. (1930). “As pioneiras do feminismo francês II. Jeanne Deroin”. *O Protesto*, p. 2, 14 dez.
- CABETE, Adelaide. (1930). “As pioneiras do feminismo francês III. Madame de Girardin”. *O Protesto*, p. 2, 21 dez.
- CABETE, Adelaide. (1930). “As pioneiras do feminismo francês IV. Flora Tristan”. *O Protesto*, p. 2, 28 dez.
- CABETE, Adelaide. (1931). “As pioneiras do sufrágio francês. V. Daniel Stern.” *O Protesto*, p. 2, 4 jan.
- CABETE, Adelaide. (1931). “As pioneiras do sufrágio francês VI. Juliette Lamber”. *O Protesto*, p. 2, 18 jan.
- CABETE, Adelaide. (1931). “As pioneiras do sufrágio francês VII Jenny d’Héricourt”. *O Protesto*, p. 2, 25 jan.
- CABETE, Adelaide. (1931). “As pioneiras do sufrágio francês VIII Marie Deraisme”. *O Protesto*, p. 2, 19 abr.
- CABRERA, Ana. (2012). *Jornais, jornalistas e jornalismo séculos XIX-XX*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CARMO, Isabel do e AMÂNCIO, Lígia. (2004). *Vozes insubmissas: A história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- COSTA, Emília de Sousa. (1932). *Olha a malícia e a maldade das mulheres! Conferência pronunciada no Salão de Festas do Seculo, em Junho de 1930*. Lisboa: Of. do Anuário Comercial.
- ESTEVES, João Pissarra. (2005). *O Espaço público e os media*. Lisboa: Edições Colibri.
- FERREIRA, Baptista Gil. (2009). *Comunicação, media e identidade: intersubjectividade e dinâmicas de reconhecimento nas sociedades modernas*. Lisboa: Edições Colibri.
- KLOBUCKA, Anna M. (2009). *O Formato Mulher: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus Editora.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de. (1932). *Feminismo e feministas*. Porto: Ed. Germen.
- LOPES, Ana Maria Costa. (2005). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera.
- LOPES, Maria Antónia. (1989). *Mulheres, espaço e sociabilidade: a transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- LOUSADA, Isabel. (2010). “Imprensa: amplificador da voz feminina”. In *Catálogo da Exposição Percursos, Conquistas e Derrotas das Mulheres na 1.ª República*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Biblioteca Museu República e Resistência. p. 41-48. <<http://run.unl.pt/handle/10362/4157>>.
- LOUSADA, Isabel. (2014). “(In) Visibility of Women in History: Women Like Us? From Visibility to Myth – Effective Strategy”. In ABREU, Maria Zina Gonçalves de & FLEETWOOD, Steve (org.). *Women Past and Present: Biographic and Multidisciplinary Studies*. 1. ed. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing. p. 283-291.
- MASCARENHAS, João Mário (Coord.). (2001). *O Estado Novo e as Mulheres: o género como investimento ideológico e de mobilização*. Lisboa: BMRR.
- PRYSE, Marjorie. (2000). “Trans/Feminist Methodology: Bridges to Interdisciplinary Thinking”. *NWSA Journal*, n. 2, 12: p. 105-118.
- SAINTE-BEUVE. (1932). *Retratos de Mulheres*. Traduzidos por António Sérgio. Coimbra: Imp. da Universidade.
- SILVEIRINHA, Maria João et al. (2004). *As mulheres e os media*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SILVEIRINHA, Maria João. (2004). “Representadas e representantes: as mulheres e os media”. *Revista Semestral do Centro de Investigação Media & Jornalismo. As mulheres e os media*, n. 5, p. 9-30.
- VICENTE, Ana (2002). *Os Poderes das Mulheres, Os Poderes dos Homens*. Lisboa: Gótica.